

*Londres, sábado, final da manhã.*

Você ainda não sabe. Mas, em menos de três minutos, vai enfrentar uma das provações mais penosas de sua existência. Uma provação que você não previa, mas que vai feri-la de forma tão dolorosa quanto uma marca feita a ferro e fogo na pele fina.

Por ora, você está perambulando, serena, pela loja de departamentos com jeito de átrio antigo. Passados dez dias chuvosos, o céu voltou a ter um belo tom de azul-turquesa. Os raios de sol que batem nas vitrines do estabelecimento alegam seu coração. Para comemorar o início da primavera, você até se deu de presente aquele vestidinho vermelho de bolinhas brancas, que piscava para você há uns quinze dias. Você se sente leve, quase exultante. O dia promete ser agradável: para começar, um almoço com Jul', sua melhor amiga, uma sessão de manicure só para garotas, uma exposição no Chelsea, claro, e, para completar, o show de PJ Harvey à noite, em Brixton.

Um passeio tranquilo pelos agradáveis meandros da vida.  
Até que, de repente, você bate o olho nele.

\*

Um menino de cabelo loiro, macacão jeans e casaco de lã azul-marinho. De dois anos, talvez um pouco mais. Olhos claros, grandes e risonhos, que brilham por trás dos óculos de armação colorida. Traços delicados, cara redonda de boneca, emoldurada por curtos cachos luminosos feito bola de feno sob o sol do verão. Já faz um

tempo que você o observa, de longe. Mas, quanto mais se aproxima, mais fascinada fica pelo seu rosto. Um território intocado, radiante, que nem o mal nem o medo tiveram tempo de contaminar. Debaixo dessa carinha feliz, você enxerga apenas um leque de possibilidades. Alegria de viver, felicidade em estado bruto.

Nesse exato momento, o menino também olha para você. Um sorriso de cumplicidade, cândido, se esboça no rosto dele. Orgulhoso, ele lhe mostra o aviãozinho de metal, que voa pelos ares, acima de sua cabeça, preso entre seus dedos gorduchos.

– *Vrummmm.*

Enquanto você retribui o sorriso do menino, começa a ser tomada por uma emoção estranha. O lento veneno de um sentimento indecifrável contamina todo o seu ser com uma tristeza desconhecida.

A criança abre os braços e se põe a trotar ao redor do chafariz de pedra que lança jatos d'água sob a cúpula da loja. Por um breve instante, você pensa que o menino corre ao seu encontro e vai pular nos seus braços, mas...

– Papai, papai! Você viu? Fiz igualzinho ao avião!

Você levanta os olhos e cruza o olhar com o homem que segura o menino em pleno voo. Uma faca gelada atravessa você, e seu coração se enrijece.

Você conhece esse homem. Há cinco anos, viveu uma história de amor que durou mais de um ano. Por causa dele, trocou Paris por Manhattan e mudou de profissão. Durante seis meses, até tentou ter um filho com ele, que nunca veio. E então o tal homem voltou para a ex-mulher, com quem já tinha um filho. Você fez tudo o que estava ao seu alcance para segurá-lo, mas não foi suficiente. Viveu esse período doloroso e, agora que achava que podia virar a página, o encontra justo hoje, e isso parte seu coração.

Nesse exato momento, você compreende melhor o incômodo que sente. Pensa que aquele filho poderia ser seu. Que aquele filho *deveria* ser seu.

O tal homem a reconhece imediatamente e não desvia o olhar. Pela expressão arrasada, você conclui que ele ficou tão surpreso quanto você, incomodado, vagamente envergonhado. Acha que ele

virá falar com você. Mas, feito animal encurralado, tenta proteger o filhote e vai logo batendo em retirada.

– Venha, Joseph. Vamos embora.

Enquanto pai e filho se afastam, você não pode acreditar no que acabou de ouvir. “Joseph” era um dos nomes que, juntos, vocês pensavam em dar para um possível filho. Sua visão se turva. Você se sente roubada. Um cansaço pesado se abate, prendendo-a no chão por muitos minutos, deixando você imóvel, petrificada, com um nó na garganta.

\*

Com muita dificuldade, você chega à saída da loja. Está com os ouvidos zunindo, seus movimentos são mecânicos, os braços e as pernas pesam toneladas. No Saint James Park, consegue levantar a mão para chamar um táxi, mas continua tremendo por todo o trajeto, lutando contra os pensamentos que a tomam de assalto, querendo saber o que está prestes a acontecer.

Já com a porta do apartamento trancada, você corre e vai direto abrir a torneira da banheira. Chegando ao quarto, não acende a luz. Sem tirar a roupa, se atira na cama. Inerte. Em sua cabeça, desfilam as imagens do menino do aviãozinho e, logo, logo, todo o desespero que voltou a sentir diante do antigo amor se transforma em uma sensação de vazio atroz. Uma ausência que lhe dá um aperto no peito. Você chora, é claro, mas tenta se convencer de que as lágrimas são catárticas e que essa crise vai se resolver sozinha. Só que a dor se aprofunda, incha e se assoma como uma onda gigantesca, que a carrega e a faz ultrapassar todas as barreiras, liberando os anos de insatisfação, de rancor, de esperanças frustradas. Reavivando as feridas que você acreditava cicatrizadas.

Não demora para a gélida hidra do pânico serpentear entre suas pernas. Você se levanta de supetão. Seu coração bate acelerado. Você já passou por um episódio idêntico há alguns anos, que não terminou bem. Mas, agora que o pensamento lhe ocorreu, você não consegue

deter sua inexorável evolução. Tremendo descontroladamente, vai cambaleando até o banheiro.

A caixa de primeiros-socorros. Os frascos de remédios. Você entra na banheira – já quase transbordando –, apesar de só ter tirado metade da roupa. A água está quente demais ou fria demais, você não sabe e nem liga. No peito, um aperto. No ventre, um abismo. Diante dos olhos, um horizonte plúmbeo, onde você jamais estará a salvo do sofrimento.

Você não tem consciência de que já está lá. Nesses últimos anos, andou um pouco perdida, é verdade, e faz tempo que sabe que a vida é algo frágil. Mas não esperava perder o chão hoje nem afundar tão rápido. Mais do que tudo, não sabia que essa correnteza de lama fluía dentro de você. Essa treva, essa peçonha, essa miséria. Esse sentimento de solidão perpétua que se revelou bruscamente e a deixa aterrorizada.

\*

Os frascos de remédio flutuam na água feito barcos na ausência da brisa. Você os abre e engole as cápsulas aos punhados. Mas isso não basta. Precisa ir até as últimas consequências. Então solta a lâmina do barbeador, que está na borda da banheira, e a afunda nos antebraços.

Você sempre lutou arduamente, mas hoje não se sente mais capaz, porque seu inimigo não deixa escolha e a conhece melhor do que você mesma. Ao cortar as próprias veias, você lembra, com ironia, da alegria exagerada que sentiu hoje pela manhã, ao ver o sol atravessando a janela.

E então vem esse momento estranho e reconfortante, quando você sabe que a sorte está lançada, e sua viagem sem volta já começou. Hipnotizada, você contempla seu próprio sangue, que se dilui, traçando na água arabescos de uma beleza indescritível. E, ao sentir que a vida se esvai, tenta se convencer de que, pelo menos, vai parar de sentir dor. E, nesse exato momento, isso não tem preço.

Enquanto o demônio a envolve em seus gases fumegantes, a imagem do menino cruza mais uma vez seu pensamento. Você o vê na praia, diante do mar. Um lugar que poderia ser na Grécia ou no sul da Itália. Você está bem perto dele. Tão perto que até pode sentir seu cheiro de areia, de aveia, tranquilizante como a brisa das tardes de verão.

Quando ele olha na sua direção, você revê, emocionada, seu belo rosto, seu nariz arrebitado e seus dentes separados, que tornam seu sorriso irresistível. E então o menino abre os braços e se põe a correr na sua direção.

– Olha, mamãe! Fiz igualzinho ao avião!

NO AUGÉ DO INVERNO

*Terça-feira, 20 de dezembro*

# 1

## A síndrome de Paris

*Paris é sempre uma boa ideia.*

Audrey HEPBURN

### 1.

Aeroporto Charles de Gaulle, área de desembarque.

Uma espécie de definição do inferno na terra.

Na área de controle de passaportes, centenas de passageiros se aglutinavam em uma fila de espera confusa, que se espichava e serpenteava feito uma jiboia obesa. Gaspard Coutances levantou a cabeça em direção às cabines de acrílico, enfileiradas a cerca de vinte metros dele. Por trás da sucessão de guichês, havia apenas dois míseros policiais para controlar o fluxo transbordante de passageiros. Gaspard bufou, exasperado. Toda vez que pisava nesse aeroporto, perguntava-se como as autoridades responsáveis eram capazes de ignorar os efeitos devastadores de um cartão de visitas tão detestável da França.

Engoliu a saliva. Para completar, fazia um calor dos diabos. O ar estava úmido, carregado, saturado por um terrível odor de transpiração. Gaspard ficou entre um adolescente com jeito de motoqueiro e um grupo de asiáticos. A tensão era palpável: no auge do jet lag, depois de um voo de dez ou quinze horas, os passageiros com cara de zumbi descobriam, furiosos, que sua via-crúcis não chegara ao fim.

O calvário teve início logo depois da aterrissagem. O voo, vindo de Seattle, até chegou na hora – o avião pousara um pouco antes das

nove da manhã –, mas foi preciso esperar mais de vinte minutos até que posicionassem a ponte de embarque e desembarque para que os passageiros saíssem da aeronave. Em seguida, veio o percurso sem fim por aqueles corredores ultrapassados. Uma caça ao tesouro horripilante, tentando desvendar as complicadas placas de sinalização, castigando as pernas nas escadas rolantes defeituosas, lutando para não acabar com as costas no ônibus lotado que fazia a ligação entre os terminais para, no fim, ficar parado como gado naquela sala sinistra. Bem-vindo à França!

Com a bolsa de viagem pendurada no ombro, Gaspard suava em bicas. Tinha a impressão de já ter percorrido três quilômetros desde que descera do avião. Abatido, pergunta-se qual era a razão de estar ali. Por que se infligia, todos os anos, a pena de um mês de confinamento em Paris para escrever uma nova peça de teatro? Riu de nervoso. A resposta era simples e convincente como um slogan: “técnica de escrita em ambiente hostil”. Todos os anos, na mesma data, Karen, sua agente, alugava para ele uma casa ou apartamento onde podia trabalhar com calma. Gaspard odiava tanto Paris – em época de Natal, sobretudo – que não via mal nenhum em ficar trancafiado 24 horas por dia. Resultado: a peça se escrevia sozinha, ou quase. Para todos os efeitos, no final de janeiro, o texto sempre estava terminado.

A fila avançava com uma lentidão desesperadora. A espera era uma provação. Crianças superexcitadas corriam entre as barreiras, gritando; duas pessoas idosas se apoiavam uma na outra para não desmoronar, um bebê vomitou a mamadeira no pescoço da mãe.

“Malditas férias de fim de ano...”, resmungou Gaspard, respirando fundo o ar viciado. Ao perceber a expressão de descontentamento no rosto de seus companheiros de infortúnio, lembrou do artigo que lera em uma revista, falando da “síndrome de Paris”. A cada ano, aumentava o número de turistas japoneses e chineses que eram hospitalizados e, não raro, deportados, acometidos por doenças psiquiátricas graves quando de sua primeira visita à capital francesa. Assim que desembarcavam na França, esses viajantes começavam a sofrer sintomas estranhos – delírios, depressão, alucinações,

paranoia. Com o tempo, os psiquiatras acabaram encontrando uma explicação: o mal-estar dos turistas era decorrente da discrepância entre sua visão idealizada da Cidade-Luz e a que realmente existia. Imaginavam que encontrariam o mundo maravilhoso de Amélie Poulain, aquele propagandeado pelo cinema e pela publicidade. Em vez disso, encontravam uma cidade dura e hostil. A Paris fantasiosa – aquela, dos cafés românticos, dos buquinistas às margens do Sena, do monte Montmartre e de Saint-Germain-des-Prés – se despedaçava diante da realidade: a imundície, os batedores de carteira, a falta de segurança, a poluição onipresente, a feiura dos grandes conjuntos habitacionais, a defasagem do transporte público.

Só para pensar em outra coisa, Gaspard tirou do bolso algumas folhas de papel dobradas em quatro com a descrição e as fotos da gaiola de ouro que sua agente alugara, no 6<sup>o</sup> *arrondissement*. O antigo ateliê do pintor Sean Lorenz. As imagens eram sedutoras e criaram a expectativa de um espaço aberto, iluminado, relaxante, perfeito para a maratona de escrita que estava à sua espera. Como de costume, ele se fiara nas fotos, mas Karen havia visitado as instalações e garantira que Gaspard ia gostar delas. “E até mais do que gostar”, completou, misteriosa.

Ele esperava que sim, pelo menos.

Ele amargou mais uns quinze minutos de espera até que um dos agentes da Polícia Aeroportuária se desse o trabalho de pousar os olhos em seu passaporte. Acolhedor como uma grade de prisão, o sujeito sequer lhe dirigiu um “bom dia”, um “obrigado” e tampouco respondeu ao seu “bom trabalho” quando lhe devolveu os documentos.

Mais um momento de perplexidade diante das placas de sinalização. Gaspard foi na direção errada e precisou refazer seus passos. Uma cascata de escadas rolantes. Uma sucessão de portas automáticas que sempre tardavam a se abrir. Foi logo passando reto pelas esteiras de bagagem. Graças a Deus, não cometera a insensatez de despachar a mala.

Naquele exato momento, não estava muito longe da saída do inferno. Lutou para se livrar da turba incomum que bloqueava o saguão de desembarque, acotovelando-se com a multidão e

interrompendo o beijo de um casal, pulando sobre os passageiros que dormiam ali mesmo, no chão. Já no seu campo de visão, a porta giratória debaixo da placa “Saída – Táxi” era a materialização do fim do suplício. Pronto: apenas mais alguns metros e ele estaria livre daquele pesadelo. Pegaria um táxi, colocaria os fones de ouvido e faria uma fuga mental ao som do piano de Brad Mehldau e do contrabaixo de Larry Grenadier. Então, já naquela tarde, começaria a escrever e...

A chuva foi um balde de água fria em seu entusiasmo. Trombas d’água caíam sobre o asfalto. Um céu plúmbeo. Uma tristeza e uma eletricidade pairando no ar. Nenhum táxi à vista. Em vez disso, viaturas das forças de choque da Polícia Civil e passageiros desorientados.

– O que está acontecendo? – perguntou para um carregador que fumava seu cigarrinho, estoico, perto de um cinzeiro.

– Não tá sabendo? É a greve, senhor.

## 2.

Enquanto isso, na Gare du Nord, Madeline Greene descia do Eurostar das 9h47, o trem-bala que vinha de Londres.

Seus primeiros passos em solo francês foram vacilantes, ela teve dificuldade para se situar. Sentia um peso nas pernas trêmulas. Ao cansaço, somavam-se a tontura, um enjoo lancinante e refluxos ácidos que queimavam seu esôfago. O médico bem lhe avisara desses efeitos colaterais do tratamento, mas ela não imaginava que passaria o Natal em um estado tão deplorável.

A mala que arrastava parecia pesar uma tonelada. Distorcido, amplificado, o ruído das rodinhas no chão asfaltado ecoava em sua cabeça e esfolava seu crânio, intensificando a enxaqueca que a atormentava desde que acordara.

Madeline parou de supetão para subir até o fim o zíper de seu casaco de couro forrado de pelo de ovelha. Estava suando, mas tremia. Sentiu uma falta de ar e achou, por alguns instantes, que ia desmaiar, mas recuperou um pouco as forças ao chegar ao fim da plataforma, como se a balbúrdia que reinava na estação a estimulasse e a reconectasse instantaneamente à vida.